

“Irritante é ouvir dizer que antes é que era bom”

ÉLVIO PASSOS
epassos@dnoticias.pt

Nuno Santa Clara Gomes é um dos capitães de Abril. Nasceu na Madeira, mas nos anos 60 saiu da ilha, para prosseguir a carreira militar. Teve um papel de bastidores, mas determinante no sucesso da Revolução dos Cravos.

Hoje, a partir das 10 horas, na sessão pública comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril, no Salão Nobre da Câmara Municipal do Funchal, lança o seu primeiro livro, ‘Crónicas Desirmanadas’, que será apresentado por Francisco Faria Paulino e por Rui Carita, os dois militares, como Nuno Santa Clara Gomes.

A edição do livro, revelou o Município, “inaugura a colecção das publicações do Centro Cultural e de Investigação do Funchal, com que se pretende contribuir para a reflexão sobre as problemáticas contemporâneas”.

Ao DIÁRIO, o autor explica que a obra nasceu de um convite de Faria Paulino, no final do ano passado. Contém uma colectânea de textos que já foram publicados em jornais, da Madeira e fora, durante os últimos dois anos.

“São coisas do momento. Podia escrever tratados de doutoramento, de estratégias, manuais... mas já há tantos. Mais um não faz falta. Estão em causa textos dispersos, por isso se chama de Crónicas Desirmanadas. São crónicas inquinadas por qualquer coisa, polidamente, por interesses económicos, pelo dono do jornal...”

O livro, escrito ao longo dos tempos, tem assuntos diversos, alguns ligados à Madeira, mas todos consequência do 25 de Abril. “Tudo. Se eu estou a escrever aquilo que me passa pela cabeça, vem de onde? Ninguém me censurou e eu estou a publicar é consequência de quê?”

As crónicas e, consequentemente, o livro pretendem pôr as pessoas a pensarem. “Tudo quanto escrevo,

nunca dou a solução, nem quero. Eu quero pôr as pessoas a pensar. Dizem que isto é assim. Mas e se fosse assim? Vamos por aí, até que as pessoas tirem as suas conclusões. Começo a falar de uma coisa e vou levando as pessoas até onde eu quero. Posso começar por um provérbio ou outra coisa e vou andando até chegar ao ponto.”

Nuno Santa Clara Gomes entende que hoje há pouca reflexão, o que também resulta do “excesso de informação”. “Eu uso imenso a internet, para coisas que já me esqueci, nomes das pessoas, datas de nascimento... Mas os conteúdos são outra história. Têm marca de origem.”

“Porque sou madeirense”

Nuno Santa Clara Gomes é presidente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas. Por essa razão, a sua presença, nesta altura, na Madeira, obrigou-o a abdicar de participar num conjunto de iniciativas, a nível nacional, relacionadas com os 50 anos do 25 de Abril.

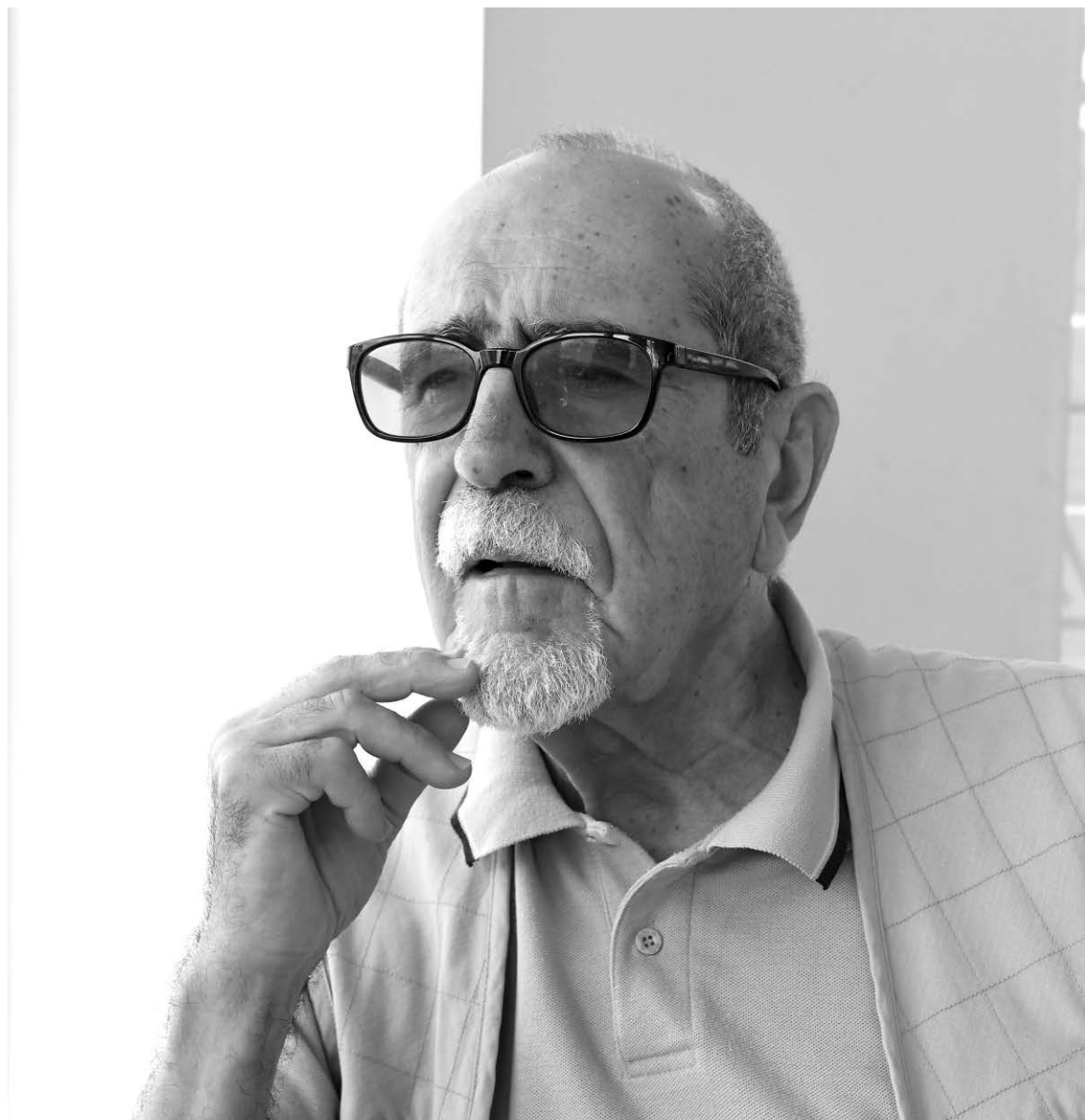
No entanto, “por ser madeirense”, o lançamento do seu “primeiro livro e, se calhar, o último” tinha de ser “aqui, na Madeira”.

A saída da ilha há sensivelmente 60 anos, deveu-se à carreira militar e à busca de novos horizontes. “Se eu ficasse aqui toda a vida, nunca tinha visto um obus, nunca tinha visto um carro de combate, um avião a jacto, um comboio.”

Papel determinante no 25 de Abril
Nuno Santa Clara Gomes assumiu um papel determinante na operacionalização do 25 de Abril.

Faz questão de deixar claro que se tratou de uma operação militar, que pretendeu envolver unidades de forma generalizada, para não ser votada ao insucesso, como as anteriores, na primeira República ou mesmo outras mais próximas, como as das revoltas de Beja ou das Caldas.

Essa característica de operação militar implicava, entre outros as-



“A democracia não é um pinheiro das dunas. É flor de estufa, tem de ser tratada, regada.” FOTO HÉLDER SANTOS/ASPRESS



NUNO SANTA CLARA GOMES LANÇA HOJE O SEU PRIMEIRO LIVRO - ‘CRÓNICAS DESIRMANADAS’

pectos, as ligações entre as unidades. Foi nesse trabalho que Nuno Santa Clara Gomes esteve envolvido. “O meu trabalho era, nos chamados centros de apoio e ligação. Cada um tinha ‘X’ unidades, para distribuir as ordens e eu e o meu camarada tínhamos três unidades: Infantaria 1, Centro de Instrução de Artilharia Anti-Aérea e de Costa (CIAAC) e Companhia de Caçadores 5. A partir daí, distribuímos as ordens, o mais disfarçadamente possível, dentro do jornal... em papel e com os cuidados todos.”

“Na véspera, foi dar a senha e a coordenação final. Dá-se a primeira senha, que é a do Paulo de Carvalho, e depois a confirmação, que é através do Zeca Afonso. As tropas saem para rua. Eu, com o meu trabalho pronto, fui para a Pontinha arranjar emprego, porque não tinha mais nada que fazer.”

A operação teve sucesso e o poder foi entregue ao povo, como sempre foi objectivo. Algo que foi difícil de perceber e de aceitar no exterior, mas que ‘fez escola’, noutra revolução e ‘primaveras’. Houve altos e baixos, mas tudo expectável. “Como em todas as revoluções, quando começam, a gente sabe tudo o que não quer, depois, quando está feita, é preciso saber o que se quer. Automa-

ticamente, dá-se a formação de partidos, tendências de golpes... É igual em todo o lado, em todas as revoluções, até ficar instituído o sistema democrático. É evidente que com as suas divisões. Cabia tudo lá dentro. É o País a pagar pela democracia.”

Mas há irritações e apreensões. “O que é irritante é quando a gente ouve dizer que antes é que era bom. Isso só pode ser dito ou por mal-intencionados ou por ignorantes. Os senhores fazem ideia do que era Portugal? Aqui a Madeira, antes da autonomia, antes do poder local, fazem ideia do que era a Madeira? A gente para dar a volta à ilha era um dia inteiro e, às vezes, só se fazia meia.”

Nuno Santa Clara Gomes vê com apreensão os movimentos que se aproveitam das democracias para os combater. “É um pouco como aquele ditado que diz: ‘Pai guardador, filho gastador’. A gente esforça-se para pôr isto num regime democrático, a funcionar, Direitos Humanos, etc. De repente, vêm e põem tudo em causa. É como um filho que vai desbaratar a herança.”

O capitão de Abril deixa um alerta: “A democracia não é um pinheiro das dunas. É uma flor de estufa, tem de ser tratada, regada, senão vai estilar.”